

franjas. As histórias que contava ao voltar com alguma reportagem quente. Como segurava um cigarro entre os dedos, caminhando de um lado para outro no salão enfumado da redação, olhar distante, o bonito rosto angustiado. E um esguio corpo intacto de mulher de 30 anos, jeitinho atraente de puta.

Circulam mil casos a seu respeito, a redação inteira, dizem, foi para a cama com Josete, nem sempre ela sabia com quem tinha trepado na véspera. "Será que foi com o Cláudio, a noite passada?", teria perguntado, um dia. "Eu estava tão bêbada! Espero que não tenha sido o Cláudio, sinto nojo dele."

Morta, vai emergir o lado mais triste de sua história. Que tinha perdido os pais ainda menina, naquela cidadezinha do interior onde nasceu. Ficou com uma pensão vitalícia, uma senção permanente de irremediável solidão e a impressão de que seu pai era o assassino de sua mãe — foi ele quem a convidou para aquela viagem e o avião caiu.

Jornalismo é uma profissão difícil, principalmente para quem, como eu, já tem mais de 40 anos, idade em que os copidesques começam a beber além da medida. Ou para uma mulher: hoje, oxigenada e meio bêbada, Arlete escrevia, a meu lado, uma matéria sobre um menino, filho adotivo, que era torturado pela madrasta. Os vizinhos denunciaram os maus-tratos e a polícia foi lá. Os policiais entraram de sola, um deles deu um soco na cara da mulher e lhe arrancou um dente da frente. Penteei depois a matéria e fiz a legenda da foto em que a mulher aparecia para depor na delegacia, com o dente arrancado e a roupa suja de sangue.

— Merda! Porra! — exclamou Arlete, enquanto escrevia. Não agüento mais! Redação é ambiente poluído, faz muito mal à pele e à alma das mulheres. Vai espremeando a gente feito moenda, só deixa o bagaço. Uma hora dessas, ainda me mando. Mas eu suspeito, Arlete, que você vai ficar. Morreremos ambos em combate, não haverá tréguas. Por mais que pense em

ir embora, você não vai e nem eu. E, se for, mais cedo ou mais tarde acaba voltando. Aquela é nosso universo, nossa vida de circo, o espetáculo que tem de continuar. Chegamos àquela redação vindos de todas as partes do país, cada qual por um motivo: é a nossa Legião Estrangeira, de nenhuma outra maneira saberíamos viver.

— Você já se deu conta da complexidade daquela máquina? — me perguntou Maciel, de repente, um dia desses. — É como se escrevêssemos um livro por dia. O volume de cada edição de jornal é o volume de um livro. Bolado por nossas cabeças todas, pensando juntas.

Maciel veio do interior de Santa Catarina e teve vários empregos — foi balconista, vendedor de livros e até piloto de carros de corrida, antes de se tornar repórter. Agora, trabalha nisso há dez anos e tem uma filosofia própria:

— Eu não esquento, sabe como é? Preciso só descobrir exatamente a quem perguntar as coisas. Quero dizer, as pessoas que, realmente, podem dar informações. Não adianta sair correndo de um lado para outro, é preciso manter a calma. Aliás, os fatos se repetem e todos os *presuntos* se parecem. Incêndios, acidentes de trânsito, assaltos, não há muita variação. A gente já sabe que procedimento adotar, em cada caso. Falamos com uma testemunha, com o dono do estabelecimento, com o motorista etc.

No começo, pensei que o melhor repórter fosse González, talvez por ser argentino e ter um físico imponente — alto, forte, bronzeado, cabelos grisalhos. Mas o pessoal comentou que ele é apenas um repórter *quente*, capaz, por exemplo, de se disfarçar de motoqueiro e se meter no meio de um grupo de traficantes de tóxicos para levantar os dados de uma matéria. E que talvez o melhor seja Renato, que tem pai espanhol, basco, e mãe calabresa, mas nasceu em Alagoas — sua cara e o sotaque são mais de alagoano; e ele fala muito de política.

— Agora, sei cada vez menos das coisas — diz. — Ando meio confuso. Ainda me admitem num grupo de esquerda, mas sou considerado moderado. Tive muitas decepções.

Decepções todos temos, Renato, os sonhos que não se cumprem, ou não realizamos. O meu era escrever um romance-reportagem sobre Copacabana. Há uns dez anos, redigi o primeiro parágrafo, ainda sei de cor:

“Não há crepúsculos dramáticos em Copacabana. A luz se torna menos intensa, mais difusa, abrandando-se suavemente ao longo da praia, confundida com a branca poeira de salitre. E, enquanto a escuridão desce, turva e macia, a linha dos prédios vai perdendo o colorido e as mil janelas se transformam em quadradinhos iluminados, cada vez mais numerosos.”

Copacabana, o sonho de todo jovem do interior, enfim realizado. O retângulo de céu amuralhado, sem estrelas, que descortina agora da minha janela. O guincho de um milhão de pneus é minha música, meu perfume, a agri-doce fumaça dos canos de descarga dos automóveis.

“Há uma oclusão ameaça na noite de Copacabana, como se um olho gigantesco se formasse nas trevas, um grande olho maléfico e úmido que a voz de Maria Bethânia alimenta, seu grito rouco”, escrevi, em seguida.

Eu queria contar a história do bairro, falar da Prado Júnior, do Beco da Fome, das boates eróticas, a *pizza* e o *chope*, o *cooper* na praia, de manhã cedo, a festa de Iemanjá e os bares do Calçadão. E recolheria depoimentos — uma *strip-teaser*, o dono de uma lanchonete, uma balconista de *boutique*. Além de uma mulher no início da casa dos 40, queimada de praia, os cabelos pintados de acaju, passeando na calçada com seu cachorrinho pequenino ou *pooodle-toy*.

Copacabana, uma imponente preparação para as ruínas do ano 3000, quando será tombada como monumento ao *kétsch*. Copacabana invadida pelos ratos, Copacabana evacuada, de-

pois de uma epidemia de peste. Uma grande tempestade, com raios e trovões, provoca um dilúvio em Copacabana. A água se eleva acima do décimo segundo andar de todos os prédios e até os grandes hotéis emergem, como torres semi-submersas. Um rato deixa em chamas a cobertura do Hotel Othon.

Minhas duas irmãs, catoliconas lá do interior da Bahia, estranharão eu não me casar. E acham que, com a vida que levo, fui perdendo os sentimentos considerados por todos “humanos e normais”. Tolice, tudo tolice. Um saco, a gente se ligar para sempre com outra pessoa, ter de agüentar o convívio forçado. Não tem nada mais antinatural que o casamento. Minha família verdadeira mora naquela enfumaçada sala de redação, em que as rosas fenecem.

Billie Holliday se cala, desligo a radiola, meu uísque acabou mas não me sirvo de outro. Vou tentar dormir, embora suspeito que, mais uma vez, acordarei assustado, àquela mesma hora, pouco antes de amanhecer; a Hora do Lobo. Quando, para os que sabem ouvir, soa o altíssimo e silencioso som do Carrilhão dos Loucos.

Parece que só eu, naquela redação, não fui para a cama com Josete. Me viciei com a Carla, que tem na frente alguns apêndices a mais — é a estrela dos *shows* de travesti da Galeria Alasca. Mas me consolo pensando que Josete, é claro, era fria. Vítima coletiva, criança mil vezes rejeitada, objeto sagrado para todos manipularem ou ingerirem, sangue de Deus, bilhete para a Ressurreição.

Impossibilitada de sentir prazer, Josete buscava inutilmente, em cada contato, uma ternura sempre ausente. Matou-se por sua frigeidez, não conseguia mais ir para a cama com o repellido pai rejeitado, que levava sua mãe à morte. Com seu telefonema, Cigarrinho deu a martelada final, a estátua de repente ficou pronta, Josete está morta.

E invade agora, de repente, a sala deste apartamentinho deserto e sujo, estende o imenso corpo fluido e ocupa o espaço inteiro, seus pés estão saindo pela janela. Com os ruivos cabelos, como os de sua sócia, Ann Margret, a flutuarem pelo espaço, espalhando o cheiro adocicado de cigarro e chumbo de oficina, que se impregnam para sempre em todos nós. Os *jeans* estão manchados de terra, mas a blusa colante e transparente continua limpa, deixando ver os seus seios infantis, quase inexistentes. Que eu, numa carícia inteiramente assexuada, toco.

HIPÓLITO

FAZ MAIS DE UM ANO QUE NOS conhecemos, mas ainda não esgotamos nosso mútuo fascínio, extinto e sempre renovado, como Fênix a ressurgir das próprias cinzas. Ontem mesmo eu lhe dizia que ele parece um entomologista a contemplar, incansável, a sua borboleta favorita — eu. Só que ele, acrescentei um tanto maldosamente, é quem está dentro da redoma. Ao que me respondeu, com seu jeito sério e tranqüilo, entre duas garfadas de peixe, num dos restaurantes que costumamos frequentar, em Copacabana, à saída do trabalho e antes de nos recolhemos aos nossos pequenos apartamentos solitários, nas proximidades: “Cada qual dentro de sua redoma.”

Mas, embora o elo que nos une — esta emoção secreta? uma estranha identificação? — não se rompesse, meu presente com ele é todo feito, eu sei, de passado. Como alguém andando continuamente ao lado do cadáver de um grande amor. Que se movimenta e fala, apesar de morto. E minha necessidade de escrever sobre ele, agora, é como a de alguém que se dispusesse, enfim, a elaborar o epitáfio para a tumba de um ente muito querido.

Meu relato poderia intitular-se: “O homem, esse desconhecido.” Ou: “O pôquer do amor.” Ou, ainda: “Máscaras.” E não começaria precisamente no dia do meu primeiro encontro com ele, mas algumas semanas antes, talvez, quando um amigo me perguntou: “O que você faz com tanta liberdade, Madalena?” E eu respondi: “Você deveria perguntar o que faço com tanta solidão.”

(Quem sou eu, afinal, Dr. Klaus? — tenho interrogado meu psicanalista. Sim, quem sou eu, para além dos simples da-

E COMO ESTÁ ASSIM À JANELA DE UM décimo andar em Copacabana, então respira agora, num sorvo fundo, os eflúvios de sua Cidade, o Rio de Janeiro, toda em azul vivo e amarelo e verde, porque ainda é Verão, mas já se preparando (não faz mais tanto calor) para a suavidade do Outono, sobretudo em maio, com seus azuis mais claros, transparentes, e a brisa contínua. A anteciparem, por sua vez, os cinzas sempre surpreendentes do nosso inverno quando, por sobre os *jeans* de sempre, uma blusa de mangas compridas ou o eventual suéter bastam para combater o brando frio. E então se pode beber com mais gosto, substituindo o chope habitual se não propriamente por um co-nhaque — como aquele Martell que ela costumava consumir, em companhia do Quarto Marido, num café do Boulevard Saint-Michel, três anos atrás, a espiar através dos vidros o denso nevoeiro parisiense — por um uísque puro mesmo. Cujo sabor se torna mais especial ao se observar, por alguma janela de botiquim perto da praia, no ameno Leblon, em vez da névoa européia, a fina poeira de salitre se formando por sobre as ondas de chumbo e brancas, nos dias de arrebenção. Com sua insólita doçura, capaz de fazer todo mundo descobrir a existência (ainda) de árvores entre os prédios da Zona Sul.

Sai da janela e se senta na cadeira de balanço austríaca imprensada no vão da sala de seu apartamentinho de eterna jovem-divorciada, está decerto um tanto triste, a Aventureira Lola. E tudo por causa de um telefone que não toca, nesta árida tarde de domingo em Copacabana, embora ele tivesse dito que telefonaria. Mas agora não telefona e isto a leva a crer, tristemente, que foi inútil todo aquele esforço seu para se explicar (e

ser Compreendida, e ser Amada), no fim de semana anterior, quando ele veio de Minas só para vê-la (ou terá sido apenas para espaiar-se?) e ela lhe contou tudo: como-saiu-de-sua-pequena-cidade-no-Norte-e-veio-tentar-a-sorte-no-rio-depois-de-se-separar-do-Primeiro-Marido-e-como-enfrentou-tantas-dificuldades-até-montar-sua-pequena-galeria-de-arte-com-a-ajuda-do-Amigo-Desembargador-etc. E agora, acrescentou (uma óbvvia verdade em que ele, no entanto, pareceu acreditar), ah, agora todo mundo pensa que ela é uma Mulher Independente e Emancipada, quando não passa, ahn, de uma pequena criatura solitária e sofrida, marcada por tantas Carências Afetivas Insanáveis.

Puxa vida, não consegue se convencer, como parece indicar este silêncio do telefone, que foi inútil toda aquela sua oferta de dados e informações, como aconteceu, por exemplo, naquela noite num bar de Calçadão, no Leme, quando contou a ele, cheia de um puro Ardor de Comunicação, que num frio novembro grego (foi nas férias de dois anos atrás, quando vivia ainda com o Quinto Marido), ao subir as gélidas escadarias de mármore do santuário de Delfos, nas encostas do Monte Parnaso, a Apolo dedicado, então pensou: “Melhor seria ler. Seria preferível que eu estivesse lendo um livro sobre a Grécia.”

Tão contraditória! Porque aquilo não a impediu — continuou a contar ao homem calado como uma esfinge que tinha diante de si, com sua barba escura e pequenos óculos redondos de aço, que lhe davam um aspecto inconfundível de Revolucionário Trotskista (evidentemente, outro Intelectual Introvertido e Encucado, o único tipo que ela achava realmente fas-ci-nante) — não impediu de, logo ao voltar da viagem, começar a projetar, como se fosse a coisa mais importante de sua vida, uma outra viagem, esta de volta ao mundo.

Sem dúvida uma incurável sonhadora, por isso tinha dias em que pensava — ah, a única coisa suportável seria passar dois

anos em Londres. Mas só para concluir, ainda na mesma manhã (ou tarde, ou noite), que apenas sobreviveria ao Tédio e Desespero desta Vida se morasse precisamente em Mar Grande, na Ilha de Itaparica, na Bahia, numa casa de pescador e comendo o peixe preparado por ela própria (depois de ter aprendido, afinal, a cozinhar). Só assim eu seria feliz, afirmou ao jornalista mineiro sério e calado a quem tinha sido apresentada há três ou quatro semanas, mas de quem já começava (outra vez) a esperar, ah, tão sinceramente, que se tornasse o Papa, o Filho Querido, o Irmãozinho de Todas as Horas, o Grande Amor de Sua Vida, a única pessoa, em suma, capaz de suprir todas as Carências.

Pois não abandonava jamais essa insatisfação, continuou a explicar a ele, tantos conflitos e contradições, uma *malaise* romântica que seu psicanalista, decerto, não conseguirá jamais eliminar, embora já tenha esvaziado, ela reconhecia, o grosso de sua Angústia, sim, aquele seu lado afetivo es-far-ra-pa-do, protoduto — “nós dois sabemos” (o trotskista também se analisava) — da rejeição pelos pais, na infância, e de tantos Amores Fracassados. Acima de tudo, continuou a confidenciar, sob o ventinho fresco do Calçadão, o que lhe fazia mal era ouvir os homens dizerem aqueles coisas terríveis: “você arruinou a minha vida” etc., pois ela, em vez de Mulher Fatal, fora sempre a maior Vítima, acabava inevitavelmente sozinha.

“Você já falou de mim ao seu psicanalista?”, ele perguntou de repente, rompendo com voz grave o seu silêncio de Exilado Russo que Ainda não Fala o Português, numa indagação aparentemente sem relação com o assunto, fazendo-a cogitar sobre os Esconços Itinerários que percorrem os pensamentos dos Intelectuais Encucados.

Fosse lá como fosse (e controlando a suspeita de que ele não tinha ouvido nada), respondeu — perigosamente depois do quinto uísque — ah, não falou, não, pois lhe faltava cora-

gem para tanto. Mas dissera, pelo menos, uma frase reveladora: “Dr. Klaus, ontem jantei com um homem a quem eu poderia amar.”

E por que terá pensado que poderia amá-lo, questiona-se agora, pondo na radiola da cadeira de balanço aquele disco em que Theloniou Monk toca, logo na primeira faixa, *Smoke gets in your eyes*. Talvez, entre outras coisas (e, é claro, também contradiitoriamente), pela doçura com que ele lhe dissera, logo num dos primeiros encontros dos dois, quando ela se referiu a “trepar”: “Lola, eu não trepo. Eu faço amor.”

Ao que se sentiu obrigada a replicar, como quem se desculpa: “Ah, meu Deus, dez anos em Copacabana, tanta vulgaridade, já estou dizendo *trepar*. Talvez seja porque — você não pode imaginar o Conteúdo Libertatório que esta palavra tem para mim, depois de todos os anos de Repressão Moralista na Infância e na Adolescência.”

Pois sem dúvida ele é inteligente, sabe das coisas, pensa agora, servindo-se de uma dose de uísque. Mas, embora tivesse acreditado que os dois se entendiam, aí está o silêncio do telefonema a desmentir tudo, deixando-a toda dolorida por dentro, toda machucada. E não que desta vez fosse exatamente uma questão de cama, tinha faltado, era preciso admitir, uma certa coreografia, a necessária leveza, um quê entre dança e ginástica, gestos mais espontâneos, precisão nos encaixes. Até disso, como sempre ele não dizia nada, enquanto ela, Lola, ela apreciava *les mots tendres, les mots chauds*.

Lembra agora, ao virar o disco e começar a ouvir a faixa em que o Mestre toca *Fascination*, aquela *gauche* primeira vez, precedida de um jantar num restaurante, quando ela falou: “Gostei de você, em parte, porque te acho com um jeito meio *gauche*, e eu também sou *gauche*, sabe? Sim, cometo gafes, quebro todos os meus vidros de perfume, dirijo sempre pelos caminhos mais compridos, sou labirintica.”

Ao voltarem, já instalados nesta sala mesmo e empunhando do outro J & B, ouvindo justamente *Saint James Infirmary*, com Louis Armstrong ao pistom, é óbvio, então a luz do abajur incidiu obliquamente sobre o rosto do Exilado, formando ali um repentino claro-escuro, e lhe mudou a cor dos olhos de castanho para avelã-esverdeado, foi quando ela balbuciou, com voz um tanto trêmula, que gostaria de fotografá-lo assim, precisamente assim, com sua Nikon nova. Mas, em seguida, foi tudo muito rápido, os dois meio bêbados dormiram logo depois, não sem antes ele se queixar de que a cama era muito dura e ela afirmar, sem saber o motivo: "Eu preciso entrar para a Legião Estrangeira."

Acordou no dia seguinte cheia de vergonha, com vontade de chorar, como uma virgem encabulada: ah, estava mesmo tudo errado, não era nada daquilo! Quem ele iria pensar que ela era? Então ficou metida debaixo do cobertor felpudo de lã verde, sem coragem de sair dali, seu rosto estaria com certeza machucado, os cabelos emaranhados etc., portanto pediu a ele, cobrindo o rosto com os dois braços cruzados, que vestisse sua roupa e saísse, que saísse imediatamente.

A porta bateu e ficou sozinha e aliviada ali na cama até que o telefone tocou e ela, ainda tonta, ouviu a voz dele do outro lado do fio: "Lola, você se sentiu agredida por mim?" Não, não estava agredida, apenas teve vergonha, podia acontecer. Quanto a ele, estava satisfeíssimo e até tinha comprado, como lhe informou, um alentado volume sobre psicanálise, uma conversa algo perfunctória (perfunctória mesmo, embora nem sabia ao certo o que a palavra significa) que a levou, afinal, nesta poeirenta tarde de domingo em Copacabana, a se sentir o avesso de *odara*. Sendo o avesso de *odara* este sol negro, o telefone mudo e uma dor nos ovários, enquanto a tarde, caíndo, tira toda a esperança.

Enquanto chega a noite, com a memória funcionando agora como um *zoom* inverso de câmara, revê os dois, irmãozinhos ao longe, aquela noite no Calçadão: homem e mulher na casa dos 30, ela com sua graça só ligeiramente *fané*, muito ligeiramente. "Com essas saias negras e justas e essas blusas de seda brancas, com essas longas unhas vermelhas e o cabelo penteado para cima, você parece uma condessa húngara dos anos 40, madura e exótica", tinha dito outro homem, poucas semanas antes. Portanto se levanta agora e vai confirmar a declaração ao espelho do banheiro, em que reencontra — sim, a Mulher como um Passado, esta Mulher Sofrida, um tanto frívola, é claro, mas só um tantinho.

Volta para a sala algo consolada e se serve de um pouco mais de uísque, único remédio aconselhável para combater a amargura causada por um Silêncio de Telefone, este silêncio que torna Copacabana árida e poeirenta com um deserto, uma fina poeira seca e dourada a se erguer em ondas no opaco entardecer de sol ausente. Muda então o disco para outro, de Miles Davis, refletindo que, com o telefone mudo, garante enfim — o que não acontecia há muito tempo — o seu direito a um bom e merecido sofrimentozinho, a penar de amor. Pois sofrer por um homem tem, decerto, o seu tempero e a sua graça, ela está muito uma fêmea sofrendo, com a repentina e sensual certeza de ser, ahn, tão preguiçosa! Querendo tanto ser mimada e acariciada neste domingo que tem um sabor meio forte de alcaçuz, o alcaçuz que nunca provou, ou será de anís? É meio ácido, disse tem certeza — agridoce? — e a deixa sofrendo assim, mas com um sofrimento que não destrói. (O seu Passado, vinhos, um desejo quase doloroso de Felicidade que pode dominar uma pessoa, num fim de tarde em Copacabana impressionantemente um tanto frio. Uma necessidade de, enfim, comprar jóias, um rubi, um diamante, uma pérola negra, dar vazão a

esse requinte que sufoca. Não dá mais para ser tão séria, Dr. Klaus, tinha explicado a seu psicanalista.)

Desejará mesmo que ele telefone, desejará? Interroga-se agora, acalentando seu culposo sofrimento que não é de fome nem de necessidade. Se telefonasse, não iria estragar tudo? Seu recém-conquistado direito a *sofrier* por abandono. Assim se levanta da cadeira de balanço, assim desliga a radiola e leva o copo vazio de uísque para lavar na cozinha. É quando começa a sentir uma puta vontade de chorar — que não dura, no entanto, mais de dois segundos porque agora, lá na sala, o telefone começa, afinal, a tocar.

E como ele me disse que eu fosse, então no dia seguinte tomarei um táxi para o Aeroporto Santos Dumont, então comprarei uma passagem de ponte aérea para Belo Horizonte, então despacharei no balcão minha pequena mala de couro com a inicial L em metal dourado (contendo duas blusas novas de *lingerie* e uma linha completa de produtos de maquilagem), então entrarei no avião, me olharei no espelhinho da bolsa para conferir o penteado diferente, pensarei que sim, que quero realmente encontrar com ele,

mas só até descer num frio aeroporto vazio, só até pegar sozinha um táxi para o apartamento dele, só até o porteiro me dizer que não tem ninguém lá dentro e me entregar a chave, só até eu entrar na sala deserta em que o telefone começa de repente a tocar e é a voz de outra mulher perguntando por ele, que chegou pouco depois, que se desculpa pelo desentanto e pelo atraso, que disse ter deixado eu vir só para explicar pessoalmente que não dá mais, que está apaixonado por outra, não tão tão fútil e frívola quanto eu, mas cinco vezes torturada, cinco vezes quase suicida,

e eu chorarei, e eu arrancarei os cabelos, me atirarei no tapete, me lamentarei mil vezes, direi que confiava no futuro

do nosso relacionamento, passarei a noite insone num frio sofá-cama de apartamento de jornalista divorciado em Belo Horizonte,

e sairei às seis da madrugada seguinte, e tomarei outro táxi para o aeroporto, e o motorista cantará “quem parte leva saudades”, e eu terei vergonha de meu rosto inchado de chorar sem sequer ter trazido uns óculos escuros, e pegarei o avião de volta e viajarei cercada de nuvens negras por todos os lados até enxergar de novo — e com que alegria — as montanhas do Rio de Janeiro.

Porque enfim, por mais que a vida seja Absurda e Cruel, quando se é Aventureira Lola e se embarca numa *trip* horrível dessas, ah, sempre reaparece um Velho Amigo como aquele a quem, ainda ontem, eu pedia: “Me oferece outro Cointreau, passa a mão no meu cabelo.” Ou, ainda, outro que, antecorrem, me deixou toda iluminada e fêmea, com um gosto de hormônios na boca. Portanto pego agora o telefone, disco o número de um terceiro homem e fico imaginando, quase triste, que *luego olvidaré* o rosto do Exilado, não obstante aquele dia, já distante, em que a luz do abajur, sobre ele incidindo obliquamente, mudou-lhe então a cor dos olhos para avelã-esverdeado.

Impossível é esquecer esta imprecisa nostalgia, a incurável, que reaparece sempre mais aguda assim à janela de um décimo andar em Copacabana, num fim de tarde poeirento de domingo, a respirar os eflúvios do Rio de Janeiro, toda em azul vivo e amarelo e verde, porque ainda é Verão, mas já se preparando (não faz mais tanto calor), para a suavidade do Outono, sobretudo em maio, com seus azuis mais claros, transparentes, e a brisa contínua. A anteciparem, por sua vez, os cinzas sempre surpreendentes do nosso inverniño quando, por sobre os *jeans* de sempre, uma blusa de mangas compridas ou a eventual suéter bastam para combater o brando frio.

“Primeiro, vem um prolongado zumbido”, escreve Emanuel, que acabou de ligar a radiola. “É Ornette Coleman, tocando *Sadness*. Num esforço supremo para captar — o inatingível? Emocional, dilaceradamente, a um passo do desespero, mas não chegando realmente a se desesperar, o sax de Ornette acaricia o instante em mutação, descreve, sem se explicitar nunca, esta impossibilidade de se alcançar — o presente? No entanto quase oferecido, quase.”

O DIA EM QUE MARY BATSON FEZ 40 ANOS

NO DIA DOS SEUS 40 ANOS, MARY BATSON acorda com um gosto de cinzas na boca. Ah, é preciso renovar tudo, nada mais a satisfaz, talvez nada mais volte a satisfazer nunca! Aos 40 anos, descobre, levantando-se da cama de casal herdada do segundo casamento e na qual agora dorme sempre sozinha, a não ser por eventuais convidados nem sempre muito desejados, ah, aos 40 anos é preciso que se torne *requintada*. Só que não tem lá muito dinheiro para isso, conclui tristemente, pouco depois, observando-se ao espelho do banheiro, com uma careta. E, o que é muito grave, seus olhos estão inchados de novo, cada dia mais inchados ao acordar de manhã.

Ora, sem dinheiro, torna a pensar, aborrecida, que graça pode ter a vida depois dos 40 anos. Mas, pegando a escova de dentes, resolve reagir — não vai ficar o dia inteiro assim, pelo amor de Deus. Na verdade, tenta consolar-se, a qualquer momento pode dizer Shazam e tudo mudará. Não importarão mais as gordurinhas se acumulando em torno da cintura, as dores nas costas, os olhos inchados e nem mesmo a falta de dinheiro.

Shazam, Shazam, Mary Batson apenas pensa, sem coragem de fazer o teste e dizer as palavras em voz alta. Mas, mesmo assim, escova os dentes, de repente mais animada e até cantando, a lembrar seu novo amor, porque se transformou numa mulher de constantes novos amores, não sabe como isso chegou a lhe acontecer, a ela, a maior vocação para o amor e a fidelidade eternos, entre as amigas de sua geração.

Coisas de Copacabana, uma criatura destinada até para ser monja estar ali, sem saber como, lembrando as posições (de lado, de costas, uhn, uhn) em que fez sexo, dias antes, com um conhecido

sempre renovado — automáticos a circular em como a corrente-za de um rio pelo qual duas vezes não se passa.

Posso tentar imaginar que inventei uma nova elegância, pensa Mary; voltando para o apartamento, com o cigarro já aceso, depois de comprar, na banca do outro lado da rua, não as revistinhas em que outrora lia, com indistigável orgulho, suas próprias aventuras, mas um simples jornal, que agora decide deixar para ler na praia, em seguida, onde vai relaxar um pouco antes de ir trabalhar em seu emprego público.

Abrindo a porta do apartamento, tenta convencer-se de que sim, que pode sair completamente desarrumada e ser elegante assim mesmo, de uma excêntrica elegância, não importa a idade. Se estivesse muito arrumada, isso seria um overdress suburbano, ora. Ciarro último tipo, que coisa já caçona, continua a pensar, já em casa, enfiando o maô.

E, de volta da praia, com o corpo reluzente de bronzeador, continua pensando que sim, que ela é, à sua maneira, uma mulher elegante e sofisticada. Se tivesse dinheiro, talvez sua sofisticação tivesse, por assim dizer, um âmbito maior. Mas quem sabe perderia, entrando no catálogo de consumo, toda a originalidade. É quando percebe, ao entrar no box para tomar seu banho de chuveiro, que está com um nó na garganta. Pois seria preciso chorar, chorar de verdade, o que sem dúvida vai fazer; mas quando tiver mais tempo, agora não, agora não pelo amor de Deus, implora a si mesma, estremecendo sob o jato frio. Não suportaria chorar logo hoje, terá de esperar por um dia em que, de alguma maneira um pouco mais forrada e protegida, possa afinal desabafar.

À noite, quando chega do trabalho, o nó na garganta continua e, sem conseguir dormir, vagueia interminavelmente pelo apartamento, acalentando memórias da Gloriosa Juventude. Nua diante do espelho, observa seu corpo macio de mulher madura,

57

recente. Ah, estão distantes os tempos gloriosos das batalhas travadas, ao lado do irmão Billy, contra o melfluo Dr. Silvana. E, quando acaba de escovar os dentes, está muito mal-humorada, o romantismo dos 20 anos não tem mais vez, não dá mais para pensar em amor fou e uma cabana. Volta para o quarto, abre a porta do armário, enfia uma roupa qualquer, entre as tulipas azuis do papel de parede meio descascado. Quer tomar logo seu café da manhã, está louca para fumar o primeiro cigarro e não há leite na geladeira.

Antes de sair, dá outra olhada em torno e percebe que todo seu apartamento está out para as circunstâncias: os 40 anos de uma mulher sozinha exigiram, no mínimo, uma coberturazinha no Leblon e, em vez de um amassado Fusca azul, um Puma prata conversível. E um relógio Cartier, e uma pulseira de jade verde e úisque Dimple sempre à mão.

Passou o tempo de fazer esse gênero desarrumado, roupas se empilhando no chão à espera da faxineira que só vem duas vezes por semana. Agora, está ligeiramente gorda, algo cansada, talvez seja melhor não tentar mais dizer Shazam e voar. Seja como for, o que cobra a manhã de seus 40 anos não são os bravos combates de outrora, ou lances heróicos; simplesmente, um aparato maior — algumas jóias, vestidos acetinados ou aveludados, sapatos negros de saltos muito altos, com um finíssimo debrum dourado. E uma liga de renda negra aparecendo pela fenda da saia, com a indispensável alça para prender o punhal de Toledo.

Tomando café no botequim da esquina, pouco depois, vê ao espelho uma imagem que em nada se parece com a da antiga moça de botinhas e manto, a se elevar pelos ares, que as revistas em quadrinhos do mundo inteiro reproduziram — está meio machucada, com um ar pacato e furtivo, vagamente classe média, egressa sabe Deus de que lonjuras para se fixar ali, anônima e esquecida, numa esquina da Barata Ribeiro. Alguém, sem dúvida, que Sabe o Segredo; sim, o Segredo de Copacabana,

56